
A HISTÓRIA LITERÁRIA DAS MULHERES, UM CASO A PENSAR

*Constância Lima DUARTE**

Aproveitando o tema desse Seminário, gostaria de fazer uma reflexão acerca de algumas questões que me interessam de perto, sobre a mulher e a literatura. Afinal, a inclusão do tema “Mulher e Literatura” na maioria dos Simpósios e Congressos de Literatura tornou-se um fato freqüente nos últimos anos, devido, principalmente, ao volume de pesquisas e estudos que temos hoje acerca da participação feminina nas Letras.

E já não era sem tempo. Em outras áreas de conhecimento, os estudos sobre a mulher começaram já há algumas décadas e, ainda que não tenham esgotado o tema, existe um grande número de pesquisas, de ensaios e de obras significativas que contribuem para esclarecer sobre a questão da condição feminina ao longo dos séculos de dominação masculina.

A ênfase do enfoque nas ciências sociais tem sido principalmente o questionamento do mito de inferioridade “natural”, o resgate da história das mulheres, a reivindicação da condição de sujeito na investigação da própria história, além da revisão crítica do que se tinha, até então, escrito a respeito. Há uma espécie de esforço coletivo de questionar a cultura dominante e inserir a mulher como sujeito no discurso do saber.

Na área das Letras, os estudos críticos acerca de “Mulher e Literatura” estão começando a surgir também de forma definitiva. Não custa lembrar que é relativamente recente a legitimação de tal tema junto ao circuito acadêmico. Aos poucos ele se torna tema de cursos, teses e trabalhos de pesquisa que contribuem para divulgar escritoras, recuperar obras até então desconhecidas, reavaliar conceitos normativos e estéticos, bem como para questionar os parâmetros da crítica tradicional que se considerava “dona da verdade”, capaz de consagrar ou de execrar um autor ou uma obra.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Podemos perceber dois eixos fundamentais orientando esses trabalhos: o da *revisão* e o da *recuperação*. Na revisão opera-se um questionamento amplo da tradição literária e crítica. Afinal, o escritor, o crítico e o leitor — todos do sexo masculino — seriam os responsáveis pela formação de cânones literários que excluía e marginalizavam a mulher como produtora de cultura. O horizonte específico de percepções e expectativas da mulher em relação à experiência literária demorou a ser aceito e a ser considerado como representante de sua posição no mundo real. Na recuperação de escritoras esquecidas e de textos praticamente desconhecidos e/ou considerados perdidos, estaria a intenção de se encontrar e de construir a tradição literária das mulheres.

Não é por acaso que, a cada dia mais, e mais pesquisadores de ambos os sexos se voltam para o tema, descobrindo autoras, relendo textos clássicos com um novo olhar, contribuindo, enfim, para preencher a lacuna bibliográfica da qual nos ressentíamos há alguns anos. Nomes como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Carmen Dolores, Gilka Machado, Narcisa Amália, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Úrsula Garcia, Auta de Souza, Josephina Álvares de Azevedo e Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, ressurgem através desses trabalhos, trazendo aos nossos olhos não só um pouco da história da condição feminina, como, principalmente, uma produção literária merecedora de constar nos mais exigentes compêndios literários.

Mas ainda assim há muito o que se fazer. Não sabemos ainda ao certo quais foram as nossas primeiras escritoras. Muito menos que livros publicaram e sobre o quê escreveram. Ou ainda que dificuldades tiveram que enfrentar por serem mulheres e escritoras. Sabemos sim que muitas ocultavam sua identidade atrás de pseudônimos masculinos exatamente porque à mulher não era permitida, nos séculos passados e até no início deste, a incursão pelas letras, um espaço que se pretendia de domínio exclusivo dos varões.

Outra questão ainda pouco investigada é a representação da mulher enquanto personagem. Até que ponto — me pergunto — as imagens construídas nos textos literários assinados por homens dão conta da realidade social e individual das mulheres? Capitu, D. Guidinha, Diva, Gabriela, Rita Baiana e Madalena — para lembrar só as mais conhecidas — corresponderiam a uma imagem de mulher *real*, num determinado momento histórico, ou devem ser lidas como resultado de fantasias literárias masculinas, isto é: imagens de mulheres filtradas através do olhar do escritor? Que estereótipos e que valores representam?

E considerando o caso de textos assinados por escritoras: será que eles também reproduzem as mesmas imagens estereotipadas de mulher, vindas da sociedade patriarcal, ou se liberaram delas? Será que existem textos em nossa literatura, do século passado ou do início deste, que conseguem romper com os estereótipos tradicionais de mulher?

É tão importante quanto detectar os valores exaltados através das figuras femininas, é conhecer o porquê da exaltação de uns valores sobre outros numa determinada época. Nessa perspectiva, torna-se imperiosa a revisão crítica dos códigos culturais em que se insere a obra literária.

Uma outra questão interessante para pensar: quando folheamos uma antologia qualquer de nossa literatura e não encontramos nomes de escritoras, não devemos deduzir, simplesmente, que não existia nenhuma mulher produzindo literatura naquela época. Algumas escreviam, já sabemos. Então, é o caso de se perguntar: será que sua produção literária era sempre tão inferior à dos escritores contemporâneos a ponto de justificar sua não-inclusão nessas antologias? Ou será porque esses manuais de literatura refletem apenas a opinião pessoal e subjetiva de seus autores, que se auto-atribuíam a tarefa de escolher alguns e de consagrar certas obras em detrimento de outras?

Penso que o trabalho de resgate de escritoras antigas, que começa a ser feito em vários Estados, não deve limitar-se apenas a um arrolamento das “esquecidas”. Com efeito, ele é importante porque vai permitir o conhecimento das tradições literárias das mulheres, o percurso, as dificuldades e mesmo as estratégias utilizadas para romper o confinamento cultural em que se encontravam.

É preciso rever o chamado “discurso de dona-de-casa” ou “estilo doméstico”, que tanto desdém sofreu por parte da crítica. É preciso analisá-lo tendo em mente as condições de vida das mulheres daquele tempo: as restrições que sofriam; a educação limitada que lhes era ministrada; os livros que lhes era permitido ler. Tudo isso, não se pode esquecer, contribuía para estabelecer os limites de sua visão de mundo. Mas, ao fazer essas colocações, não quero dizer que um texto deixará de ser medíocre só por ter sido escrito por uma mulher. Não se trata disso. Apenas chamo a atenção para que não continuemos precipadamente rotulando-o de medíocre, só porque alguém (sabe-se lá em que circunstâncias) assim o considerou um dia. Esses textos interessam, repito, por nos permitir chegar a novas conclusões sobre a tradição literária feminina.

Essas são apenas algumas das questões que se impõem quando passamos a refletir sobre o binómio “mulher e literatura”. Estudos críticos de peso se fazem, portanto, mais do que nunca necessários. É preciso muito fôlego para enfrentar o campo minado da crítica literária, até porque vai se tocar em julgamentos consagrados, em conceitos estabelecidos e solapar com certos posicionamentos tidos e havidos como inquestionáveis.

É preciso observar mais um detalhe: os estudos que hoje se realizam com vistas a uma reavaliação da produção literária feminina só alcançarão seus objetivos e preencherão as lacunas existentes se estiverem comprometidos com uma nova perspectiva de pesquisa e de análise. Uma perspectiva que adote uma postura metodológica diferente das usualmente utilizadas e que seja necessariamente interdisciplinar, pois a crítica literária como um todo, para estar em dia com o discurso da cultura e as transformações sociais, deve sempre recorrer a outras disciplinas. O alargamento do campo de visão, sabemos bem, só será possível se se mantiver uma margem de intercâmbio com as demais disciplinas afins.

Além da interdisciplinaridade, a nova crítica não pode optar pela neutralidade e indiferença perante um texto de uma escritora ou de um escritor que contenha elementos pertinentes à causa ou ao estudo da condição feminina. Não se justifica mais escamotear o interesse ou fingir uma imparcialidade diante de questões que nos dizem respeito.

Hoje, uma crítica literária preocupada em encaminhar sua argumentação a partir de questões relativas à mulher, busca a abolição dos estereótipos sexuais socioculturais, alguns considerados “naturais e imutáveis”; apreende as imagens e símbolos associados ao signo mulher, bem como denuncia os preconceitos existentes num texto. Para se abordar a obra das escritoras de maneira justa e apropriada, é preciso uma leitura cuidadosa para elucidar os problemas estéticos, questionar os cânones estabelecidos de hierarquias de qualidade, e para que se proceda ao reexame dos princípios e métodos que têm formado nossos juízos.

Julgo, sinceramente, que o questionamento profundo destas questões é o caminho a ser percorrido pelos pesquisadores interessados em conhecer a tradição literária feminina, bem como a trajetória de lutas e conquistas realizadas pelas mulheres no campo das letras. A preocupação em refazer (ou re-contar) a história literária de nosso país contribuirá, sem dúvida, para que estabeleçamos esta tradição e conheçamos

realmente a participação das mulheres nesse processo, como também as singularidades por elas aí introduzidas a partir mesmo da peculiaridade de sua condição. Somente então teremos reais condições de avaliar as contribuições de cada autor e poderemos dizer que se conhece a história da literatura brasileira como um todo.